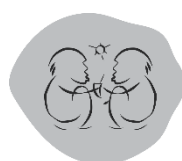
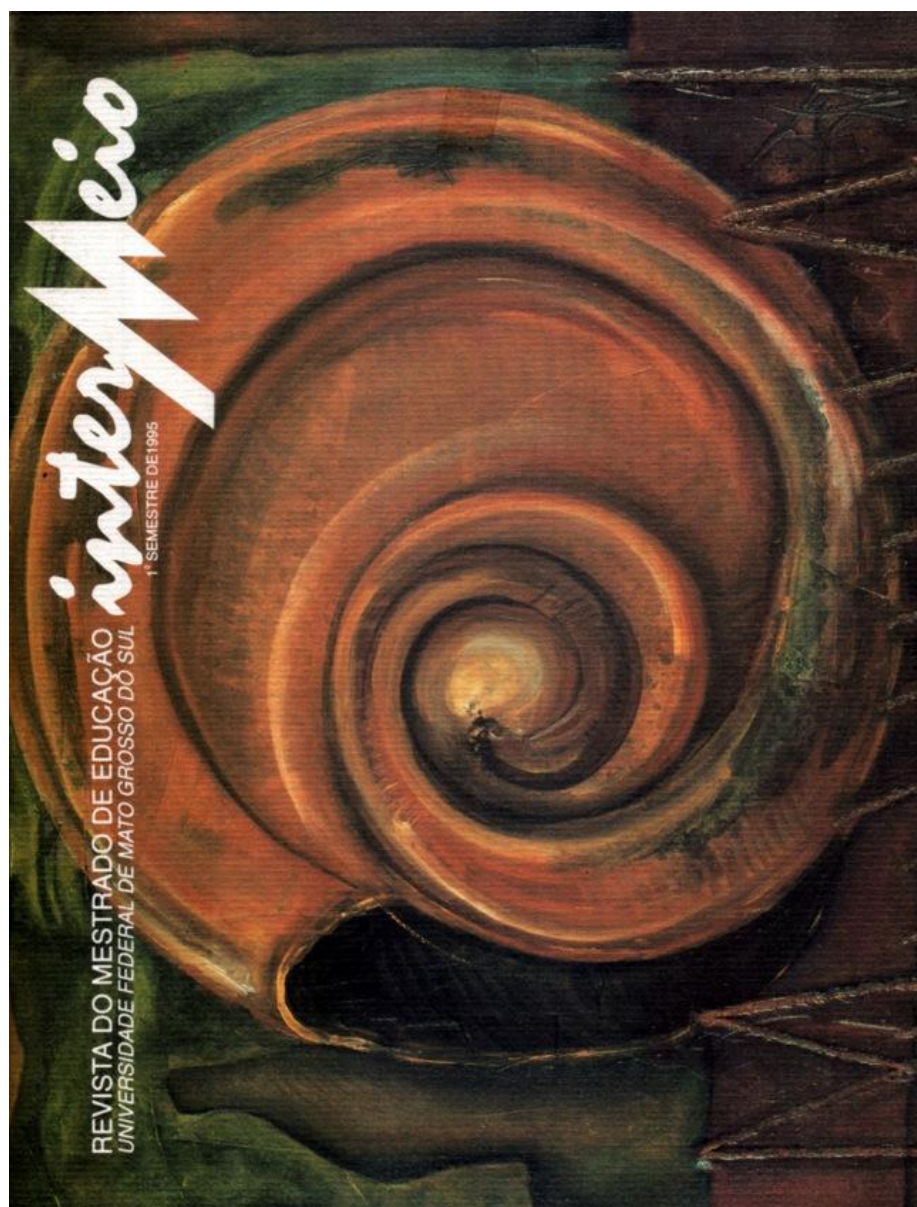
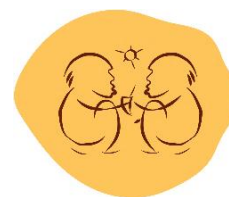


Intermeio

Campo Grande, MS, v.1, n.1, 1995
(Capa)



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

www.icgilbertoluizalves.com.br/

Reflexões Sobre a História

Fani Goldfarb Figueira

N

ós todos temos uma certa tendência a considerar o mundo que nos cerca como natural. Como se dá isto? Por exemplo, nós tendemos a achar que a família, na forma em que nós a conhecemos, é a forma natural da família ser. Acerca da escola, por exemplo, também nós pensamos o mesmo, isto é, que a forma atual de ser da escola é a forma natural da escola ser. Mesmo os homens, nós tendemos a considerar que a forma em que nós existimos é a forma natural da existência humana.

Evidentemente, nós sabemos que estas formas não existiram sempre. Tanto a família; a escola e os próprios homens já foram diferentes do que hoje são. Já houve uma época em que a família se fundamentava no matriarcado, por exemplo; houve época em que nem se pensava em criar escolas, épocas, enfim, em que os homens foram tão primitivos que pouco se distinguiam dos animais, vivendo, como eles, em cavernas, sem escrita e quase sem língua falada.

Como se deu uma transformação tão grande? Como aqueles seres tão primitivos conseguiram chegar ao ponto de desenvolvimento que chegaram e que nós, hoje, consideramos natural?

As respostas a estas questões podem, é claro, variar. Alguns responderão que esta mudança constitui exatamente o progresso. Que este progresso ocorreu na história e é ela que deve explicá-lo.

Por mais que estas respostas possam variar, a síntese de todas elas afiançará que esta transformação é produto do desenvolvimento dos *meios* e dos *instrumentos* que permitiram aos homens dominar melhor a natureza e observar melhor a realidade.

Assim, tendemos nós a pensar, quando os homens primitivos achavam que a Lua, o Sol, etc., eram "deuses", este equívoco advinha de que eles não tinham os instrumentos necessários para observar a Lua - o telescópio, por exemplo - e ver que a Lua é apenas um astro celeste.

Quando, por exemplo, no início do século XIX, os professores utilizavam a palmatória para educar as crianças, nós tendemos a achar que se recorria a um

*É muito importante entender que não existem, no mundo, necessidades...
É o homem que produz e satisfaz - a cada dia - novas necessidades.*

recurso tão bárbaro porque não se havia ainda percebido que a psicologia constitui um método de educação muito mais moderno e muito mais eficaz.

Assim, pois, nós tendemos a afirmar que o que distingue os homens atuais daqueles que os antecederam é apenas o progresso.

Entretanto, quando nós afirmamos que os homens modernos se distinguem dos antigos pelo grau de progresso a que chegaram, isto é, pelo desenvolvimento dos seus instrumentos de observação, nós estamos respondendo à questão de modo parcial. Estamos apenas observando a diferença e dizendo a que ela se deve.

Resta, porém, responder a outra parte da questão, ou seja, nós temos que nos perguntar de onde advém esta necessidade da transformação? Por que os homens se esforçaram tanto para chegar a descobrir que a Lua é um astro e que a escola deve existir e ser pensada levando em consideração a psicologia? Por que os homens não continuaram a viver em cavernas, sem escrita e quase sem linguagem? Por que não se contentaram em pensar que a Lua fosse deus?

Também a estas questões nós podemos dar várias respostas. Podemos dizer, por exemplo, que deus quis que os homens progredissem. Mas, neste caso, teríamos que entrar numa discussão sem fim para descobrir porque Deus não criou os homens já na sua forma desenvolvida.

Podemos também dizer que a idéia de progresso é inata no homem. O homem já nasce querendo progredir. Entretanto, basta olhar um recém nascido, a sua fragilidade e a sua dependência dos cuidados dos adultos, para duvidar desta afirmação.

A única resposta plausível é, portanto, a que afirma que o homem produz as suas próprias necessidades. Neste caso, o homem não produziu a linguagem porque tinha uma vaga idéia de que poderia utilizá-la para bater longos papos. Também não suspeitava - quando produziu a linguagem - que no futuro haveria homens que produziram a necessidade de "jogar conversa fora". Os homens produziram a linguagem do mesmo modo e pela mesma razão que produziram a *necessidade* da linguagem.

É difícil - mas é muito importante - entender que não existem, no mundo, necessidades. Elas não estão "por aí" para serem satisfeitas. É o homem que, ao produzir a sua vida, produz e satisfaz - a cada dia - novas necessidades. Quando os homens afirmam que a Lua é deus, eles não o fazem porque não produziram *ainda* instrumentos que lhes permitissem ver que a Lua é um satélite. Eles não haviam produzido tais instrumentos porque não haviam produzido a necessidade deles. Afirmavam que a Lua é deus não como uma "etapa histórica do desenvolvimento humano". Esta afirmação não foi um "erro" devido à inexistência de bons instrumentos que lhes permitissem "acertar". Nas suas relações de homens, na forma como se organizavam para produzir as suas vidas, a Lua é deus. Hoje a Lua é um astro, não porque a Lua se modificou, nem porque se modificaram os instrumentos de observação. O que realmente mudou foi a

relação entre os homens. Foi porque os homens modificaram o modo de produzir as suas vidas (e o desenvolvimento dos instrumentos é consequência desta mudança) que a Lua, agora, é satélite. Mas ninguém sabe o que ela será no futuro.

Também no que diz respeito à escola, as suas modificações não podem ser tomadas como modificações metodológicas. Não foi "errado" usar a palmatória, do mesmo modo que não é "certo" usar, hoje, a psicologia. São os homens que, ao modificar o modo de produzir as suas vidas, produzem novos métodos como expressão das suas próprias transformações.

Estes novos métodos, assim como os novos instrumentos a que nos referimos, significam que os homens estão atendendo as suas necessidades de uma nova forma. Não podem, porém, ser reputados "superiores" aos que os antecederam porque não se está num julgamento para saber qual deles é o melhor. O espírito divino que os homens atribuem à Lua corresponde a homens cujas relações estão permeadas por espíritos divinos. Da mesma forma, quando os homens definem a Lua como um satélite, o fazem porque as suas relações necessitam desta definição.

Por que insisto nesta idéia? Porque acho que ela é extremamente importante e extremamente difícil. Quando nós pensamos que a forma atual de os homens serem constitui a sua forma natural, quando nós dizemos que sem a psicologia nenhuma escola pode funcionar bem, quando afirmamos que é óbvio que a Lua é um astro e que os que pensaram, anteriormente, que a escola poderia dispensar a psicologia ou que a Lua não era um astro estavam errados, nós incorremos num grave equívoco.

Gostaria de chamar a atenção, a esta altura da nossa reflexão, para o fato de que não estamos afirmando nenhum relativismo. Não se trata de considerar que todas as concepções estiveram certas no seu devido momento. Minha preocupação

não é encontrar coisas certas. Estou apenas preocupada em entender as questões e os homens que produzem estas questões em termos históricos (e, portanto, não em termos relativos).

Nós dogmatizamos a nossa forma. Se nós somos a forma certa, não haverá mais mudanças. Só houve transformações antes porque os homens estavam errados. Mas, agora que já chegaram à forma certa, acabou-se a necessidade de transformação, haverá, apenas, melhoria da forma atual.

Ora, uma tal idéia, quando levada para o campo das ciências sociais, acabaria por afirmar que já houve história, mas agora não há mais.

O problema é que sempre que afirmamos isto nós nos incapacitamos para entender o que é o homem. O homem não é um ser destinado a chegar a uma



*O que realmente muda na história
são as relações entre os homens.*

O homem não é um ser destinado a chegar a uma meta. Não há, para ele, nenhum ponto de chegada. Tal como ele produz sua vida, assim é ele.

meta. Não há, para ele, nenhum ponto de chegada. Tal como ele produz a sua vida, assim é ele. Se organiza a produção da sua vida em relações escravistas de trabalho, as suas necessidades são aquelas que se atende por um trabalho escravista.

Vejam um exemplo.

Brecht, o famoso dramaturgo alemão contemporâneo, num livro maravilhoso, intitulado *A vida de Galileu*, se refere à época em que os homens precisaram pôr ordem nos astros para poderem utilizá-los como instrumentos de navegação. Esta necessidade, por exemplo, não existiu sempre e nem existe mais. Ela é uma necessidade histórica e corresponde a homens que haviam produzido a necessidade do comércio ampliado. Para eles, todos os que pensavam como antes, isto é, que continuavam a pensar como lhes ensinara a Igreja, que deus havia posto a Terra no centro do Universo, estavam errados. Certo - diziam eles - é o que os cientistas descobriram agora.

Peço-lhes que prestem bastante atenção nesta passagem para que possamos ver como, por trás das questões mais diferentes, o que - no fundo - está sempre em debate são as relações humanas.

Num momento do diálogo entre Andrea, seu discípulo, e Galileu, este diz:

"A humanidade acreditou durante dois mil anos que o Sol e todos os astros do firmamento giravam à sua volta. O papa, os cardeais, os príncipes, sábios, capitães, comerciantes, peixeiras e alunos das escolas, todos acreditavam estar imóveis nesta esfera de cristal, mas agora, Andrea, vamos partir à aventura numa longa viagem. Acabou-se o velho tempo, estamos numa época nova. (...) Porque tudo está em movimento, meu amigo. Gosto de pensar que as coisas começaram com os navios. Desde tempos imemoriais navegavam sempre junto à costa, mas de súbito fizeram-se ao largo e sulcaram todos os mares. No nosso velho continente surgiu o boato: há novos continentes. E desde que os nossos barcos navegam para lá, por toda a parte se comenta sorrindo: afinal o mar tão grande e tão temido é só uma pequena lagoa. E transformou-se num enorme prazer investigar os fundamentos, os princípios de todas as coisas. (...) Já se descobriram muitas coisas, mas há ainda muitas mais que podem ser descobertas. (...) Aquilo que vem nos velhos livros já não a pode contentar. Pois que onde antigamente havia a fé, agora há a dúvida. Toda a gente diz: sim, isto é o que vem nos livros, mas agora vamos nós próprios ver. As verdades mais celebradas são destruídas pela base. Aquilo de que nunca se duvidou é posto em dúvida agora. (...) O Universo numa noite perdeu o centro. (...) Os nossos navios partem para longe, os nossos astros giram no espaço".

O novo modo de os homens produzirem a sua vida, como vimos, fez da ampliação do comércio uma sua necessidade. A este novo modo dos homens se relacionarem entre si correspondeu, por sua vez, uma nova forma de eles se relacionarem com a natureza. Na linguagem da época, séculos XV e XVI, esta rearrumação da natureza, esta nova maneira de os homens utilizarem as coisas,

recebeu a denominação de "experiência".

"*Saber de experiências feito*" ou "a experiência é a mãe das coisas", dizia-se então.

É preciso estar atento para esta questão. A invocação da *experiência* perpassa todos os autores da época moderna. Desde Camões até Bacon, reputado "o pai do experimentalismo".

A "experiência" constitui a característica essencial dos tempos modernos precisamente porque ela é a lança com a qual uma nova classe - a burguesia - fustiga o velho poder do mundo feudal, o qual, por sua vez, se sustenta no *dogma*.

Por conseguinte, a luta que caracteriza estes novos tempos, a luta que se configura num debate entre o *dogma* e a *experiência*, expressa uma nova forma de ser dos homens. Não se está - na verdade - discutindo se a terra é ou não redonda, se é, ou não, o centro do Universo, se há, ou não, outros sóis e outros sistemas solares. Como bem o diz Brecht (*A vida de Galileu*) ninguém é levado à fogueira porque duvida das certezas de Aristóteles. Trata-se, isto sim, de uma luta entre os homens, divididos em grupos que têm no *dogma* ou na *experiência* suas armas.

Quando, por conseguinte, Camões louva a superação dos limites da navegação no *Tenebroso*, como então se chamava o Oceano, afirmando que os portugueses foram muito além de Taprobana, ele, de fato, está a retirar uma das colunas sobre a qual se sustentava o poder feudal.

É preciso, ainda, atentar para o fato de que estas armas - o *dogma* e a *experiência* - são produzidas na própria luta. Ou seja, é no embate *contra* a nova força expressa na *experiência* que o *dogma* se torna tal. Anteriormente a esta luta, o conhecimento sob o qual se sustentava o mundo feudal - a fé - não era *dogma* e - ainda mais - não era arma. O *dogma* se torna uma arma na medida

em que um novo poder, desejoso de implantar-se como único poder, o fustiga com a arma da *experiência*. É frente a esta arma, a arma da *experiência*, que a fé é compelida a assumir a forma de *dogma*, instrumento de luta, o único possível frente à *experiência*.

Deste modo, a importância destas armas não pode ser aferida senão quando as vemos em ação, no momento mesmo em que se confrontam no combate. Fora dele, fora da *sua* luta, luta na qual se gestaram como as armas necessárias e adequadas, elas se metamorfoseiam em expressões de um monstruoso maniqueísmo que dá ao *dogma* as feições do mal e feições de bem à *experiência*.

Esta metamorfose - que as eterniza e transforma, por isso mesmo, ambas, em *dogma* - impede que



O debate entre o dogma e a experiência expressa uma nova forma de ser dos homens que transformam em armas estas formas históricas de expressão.

Hegel, ironicamente, dizia que a única coisa que a história nos ensina é que nunca aprendemos com a história.

vejamos o que de fato são: formas históricas de expressão humana.

Precisamos, no entanto, considerar que, se por um lado a fé se configurou como dogma, por outro, esta configuração era tanto mais necessária quanto as novas forças históricas que então se gestavam não poderiam ter-se forjado uma qualquer arma. Ao contrário, estas novas forças forjaram a experiência como arma de luta - com o que obrigaram a fé a transformar-se em dogma - porque esta era a arma que mais duramente atingia o velho poder. Ela feria-lhe o flanco exatamente porque o compelia a transformar-se em dogma e, por conseguinte, num poder inquestionável já questionado praticamente. As navegações haviam demonstrado - experimentalmente - a redondez do mundo, por que, então, sustentar - dogmaticamente - sua forma tabernacular? A cada nova experiência tornava-se mais difícil manter a forma anterior. No entanto, o abandono de velhas formas significava o abandono de relações sociais nelas fundadas. Para evitar ter que renunciar a elas estava-se disposto a recorrer até mesmo à fogueira. É ainda Brecht (A vida de Galileu), quem põe na boca do Pequeno Frade - outro personagem da peça, ele próprio um astrônomo - as palavras que se seguem, motivadas elas pelo Decreto da *Inquisição*, apresentado a Galileu:

"Bellarmino: Senhor Galileu, o Santo Ofício decidiu hoje à noite que o sistema de Copérnico, segundo o qual o Sol é o centro do mundo, e é imóvel, e a Terra pelo contrário não é o centro do mundo, e é móvel, é um sistema disparatado, absurdo e herético no que se refere à doutrina da Igreja." (p. 114).

(...)

Diz, então, o Pequeno Frade:

"- Conseguí vislumbrar a sabedoria do decreto. Ele pôs-me a nu os perigos que uma investigação sem entraves encerra para a Humanidade, e decidi abandonar a astronomia. (...) Mas gostaria de lhe referir outros motivos. Permita-me que fale de mim próprio. Fui educado na Campanha, como filho de camponeses, que era. Gente simples. Sabem tudo sobre a oliveira, mas fora disso pouco mais sabem. Observando as fases de Vênus, posso agora ver diante de mim os meus pais, sentados à lareira com a minha irmã, a comerem a sua refeição. Vejo as traves de madeira por cima deles, enegrecida por fumo de séculos, e vejo até as suas velhas mãos calejadas pelo trabalho, e a pequena colher que elas seguram. Não passam muito bem, mas mesmo na sua infelicidade se pode descobrir uma determinada ordem. Há os diferentes ciclos, o das grandes limpezas, o das estações no olival, e o do pagamento dos impostos. É tudo regular, aquilo que de mau lhes acontece. As costas do meu pai não ficam deformadas de uma vez, mas vão-se deformando cada vez mais, em cada primavera que passa no olival, tal como os partos, que fizeram com que a minha mãe perdesse a sua forma humana, se foram regularmente sucedendo. Eles vão buscar as forças para arrastar, suando em bica, os cestos pelo caminho acima, as forças para ter

filhos, e até mesmo as forças para comer, ao sentimento de permanência e de necessidade transmitido pela contemplação da terra, das árvores reverdecendo cada ano, da pequena igreja e pelos versículos da Bíblia que ouvem aos domingos. Foi-lhes assegurado que sobre eles; pesa, inquisidor, o olhar de Deus quase angustiado, que todo o teatro do mundo está construído à volta deles, para que eles, os atuantes, se possam afirmar nos grandes ou pequenos papéis que lhes foram distribuídos. Que diriam os meus, se, por mim, viessem a saber que afinal se encontram num montão de pedras, movendo-se sem parar num espaço vazio em torno de outra estrela, numa terra entre muitas outras, sem significação especial? Para quê tanta paciência, tanta aceitação de miséria e de sofrimento? Nem era necessário, nem foi boa. E de que serve agora a Sagrada Escritura, que tinha tudo explicado e bem fundamentado: o suor, a paciência, a fome, a submissão, quando agora se vem a saber que estava cheia de erros? Não, vejo os seus olhos encherem-se de espanto e de temor, vejo a colher cair na pedra da lareira, vejo como eles se sentem atraídos e enganados. Exclamando: afinal não há nenhuns olhos postos sobre nós. Somos nós mesmos que temos que olhar por nós, ignorantes, velhos e gastos, como somos? Ninguém nos atribuiu nenhum papel para além deste miserável papel terreno, num minúsculo astro completamente dependente dos outros, e sem ter nada que gire em torno dele? Não há sentido nenhum nas nossas provações, a fome é somente não ter comido nada, não é prova de força. O esforço é somente curvar-se para arrastar o fardo, não tem qualquer espécie de mérito. Percebe agora que eu veja no Decreto do Santo Ofício uma compaixão nobre e maternal, uma enorme bondade de alma?" (Pág. 119)



Hegel, ironicamente, dizia que a única coisa que a história nos ensina é que nunca aprendemos com a história. Diz ele:

"Mas o que a experiência e a história ensinam é que os povos e governos até agora jamais aprenderam a partir da história, muito menos agiram segundo as suas lições. Cada época tem suas próprias condições e está em uma situação única."

Qual, por conseguinte, a lição que devemos extrair destas reflexões?

A meu ver, essencialmente, a idéia de que não há - nas lides humanas - questões eternas. Nenhuma formulação humana é revolucionária sempre.

FANI GOLDFARB FIGUEIRA é doutora em Sociologia pela USP. Professora adjunta do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS, ministra a disciplina "História da Educação".

*Nas lides humanas não há questões eternas.
Nenhuma formulação humana é revolucionária sempre.*